

O CONCEITO DE HABITUS E DE CAMPO NA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA
DE BOURDIEU

Maria Margarete Pozzobon¹

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir os conceitos de *habitus* e de campo da teoria bourdieusiana, refletindo acerca da relação entre o campo lingüístico e o ensino da língua materna e evidenciando que fatores ideológicos e sociais - e não apenas linguísticos - operam na constituição da natureza da língua. A partir da compreensão acerca dos *habitus* que mobilizam a prática do professor de Língua Portuguesa é possível situar esses professores desenvolvendo sua atividade profissional em um campo de saber específico. Assim, trazem-se as contribuições de Bourdieu para refletir acerca de questões referentes ao ensino da Língua Portuguesa, além de apresentar diferentes formas de olhar as ações docentes, mostrando que o professor, ao efetivar a docência, passa a expor os traços de sua socialização, revela sua origem social e cultural.

Palavras chaves: *habitus*, campo lingüístico, prática pedagógica.

Para compreender o que orienta o professor em sua prática pedagógica, quais concepções, valores, crenças medeiam a prática pedagógica buscou-se a aprofundar os conhecimentos acerca do *habitus* que mobiliza a prática do professor. Pode-se afirmar que os saberes do professor não surgem do nada, mas estão sustentados por elementos que vêm do conhecimento, é essa bagagem cognitiva acerca do fazer, que pode advir da formação do professor. É nesse cenário que se considera pertinente investigar as condições de produção do *habitus* do professor, pois entender como se dá sua produção pode ser relevante para a compreensão tanto do processo de ensino-aprendizagem, quanto para o desenvolvimento de ações de formação (inicial e continuada) que contribuam para a consolidação da profissionalização docente.

É a teoria do *habitus*, sistematizada por Bourdieu, que atribui um sentido mais preciso ao conceito. Para Bourdieu (1983, p.65), *habitus* é

¹ Professora efetiva de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura do curso de Letras, unidade de Inhumas, da Universidade Estadual de Goiás.
Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. mmpozzobon@gmail.com

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas.

Este é um conceito vital para explicar a articulação entre a estrutura e o agente social, que é a noção de *habitus*, resultante de um longo processo de aprendizagem, produto da relação dialética do indivíduo com as diversas condições sociais. Bonnewitz (2003) entende que o conceito de *habitus* permite compreender de que maneira o homem se torna um ser social. A socialização se dá por meio de um conjunto de mecanismos com os quais os indivíduos aprendem a se relacionar socialmente e assimilam as normas e valores de uma sociedade. Na interpretação de Canezin (2000) o *habitus* pode ser compreendido como um conjunto de valores, costumes, formas dominantes, esquemas de pensamento incorporados pelo indivíduo que lhe possibilitam perceber, interpretar o mundo social e, assim, orientar e regular suas práticas sociais.

Trazendo esse conceito para o contexto da profissão docente, o *habitus* - denominado *habitus* professoral - faz parte do conjunto de elementos que estruturam a epistemologia da prática (SILVA, 2005). Para a autora, trata-se do modo de ser e de agir do professor que são produzidos por meio de influências advindas da cultura da escola, que subsiste na instituição na qual o sujeito desenvolve sua carreira docente. Desta forma, pode-se conceituar o *habitus* professoral como um conjunto de valores, crenças, concepções que orientam a prática docente e que refletem as características da realidade em que o professor foi socializado.

Nos estudos de Bourdieu, a noção de campo constitui outra categoria central em seu esquema explicativo. *Campo* representa um espaço simbólico no qual as lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações. Consiste no espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, espaço este sempre dinâmico e com uma lógica que obedece a leis próprias, animada pelas disputas ocorridas em seu interior, e cujo móvel é invariavelmente o interesse em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes.

...um campo se define, entre outras coisas, estabelecendo as disputas e os interesses específicos que estão em jogo. Para que um campo funcione é preciso que haja lutas, ou seja, indivíduos que estejam motivados a jogar o jogo, dotados de habitus implicando o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo (BOURDIEU, 1980, p.89).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Todo agente social, agente em um campo específico, busca adequar seu modo de pensar, perceber e modo de agir às exigências daquele espaço social. Sendo assim, o *habitus* contribui como determinante daquilo que o determina, isto é, o *habitus* mantém o campo reproduzindo e reforçando sua organização e funcionamento.

Bonnewitz (2003) afirma que cada campo mobiliza agentes dotados de *habitus* próprios. Ou seja, se o *habitus* é produto da filiação social, ele se estrutura em relação a um campo. O campo exerce sobre os agentes uma ação pedagógica multiforme, com vistas a fazê-los adquirir os saberes indispensáveis a uma inserção adequada nas relações sociais.

Na expressão de Bourdieu (1983) os campos não são estanques e os agentes sociais têm mobilidade para transitar entre os vários campos. Embora cada um apresente suas características peculiares, há propriedades que são comuns entre eles. Pode-se dizer que todo campo se caracteriza pela produção, circulação e consumo de bens materiais e simbólicos; pela hierarquia, classificação e distinção dos bens e dos agentes, pela luta que se trava em torno dos critérios de classificação cultural, estabelecendo os padrões considerados superiores e os padrões inferiores. É o campo que estabelece a definição das posições legítimas e pertinentes, bem como uma definição de suas alternativas iminentes, a partir das quais se podem deduzir formas de satisfação, ganhos, recompensa que ele oferece.

Enfim, a noção de *habitus* propõe que a sociedade deve ser vista como um sistema de relações que é incorporado pelos indivíduos e passa a funcionar como uma matriz de percepções. Essa matriz é que orienta a ação desses indivíduos quando eles entram em contato com uma determinada conjuntura num momento específico da organização de um campo definido, gerando práticas mais ou menos adaptadas àquela situação particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. O que falar quer dizer. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. O mercado lingüístico. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

_____. Coisas ditas. Tradução: Cássia R. Silveira e Denise Moreno. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo: Edusp, 1998

CANEZIN, M. T. Conceito de Habitus na teoria da prática: fundamentos do diálogo de Bourdieu com o pensamento Durkeimiano. In: *Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e da Educação*. Goiânia: Ed. UCG, 2001.

_____ (coord). Jovens Educação e campos simbólicos. Goiânia: Ed UCG, 2007.

LOPES, A. R. C. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Janeiro: EdUERJ, 1999.

LUGLI, R. S. G. A construção do social do indivíduo. *Revista Educação: Bourdieu Pensa a Educação*, São Paulo, Ano I, Educação Especial: Biblioteca do Professor, p.26-35, 2007.

MORATO, E. Das intervenções de Bourdieu no campo da lingüística: reflexões sobre competência e língua legítima. *Horizontes*, v.20, p.31-48, jan/dez 2002.

NOGUEIRA, M. A. e NOGUEIRA, C. M. *Bourdieu e a Educação*. 2 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ORTIZ, R. (org.) *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

PERRENOUD, P. Da prática reflexiva ao trabalho sobre o habitus. In: *Prática Reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

------. A postura reflexiva: questão de saber ou de habitus?. In: *Prática Reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

------. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomada de consciência. In: *Formando professores profissionais*. 2 ed, Porto Alegre: Artmed, 2002.

------. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomada de consciência. In: *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?*. 2 ed, Porto Alegre: Artmed, 2001.

SACRISTAN, J. G. *Poderes instáveis em Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SETTON, M. G. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n.20, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.

SILVA, M. O habitus professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. *Revista Brasileira de Educação*, n.29, 2005.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.